

## As regiões do Pantanal: Poconé

Sandro Menezes Silva

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais - FCBA

O pantanal de Poconé tem como limites o município de Poconé ao norte, a região do Paiaguás ao sul, separadas pelo rio São Lourenço, o pantanal de Barão de Melgaço ao leste e a depressão do rio Paraguai ao oeste, incluindo partes dos municípios de Cáceres, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Barão de Melgaço e Santo Antônio de Leverger. Tem área de pouco mais de 16 mil quilômetros quadrados, com sazonalidade bem definida, com período chuvoso que vai de outubro a abril, que em grande parte coincide com o período de inundação, que costuma ir de dezembro-janeiro a março-abril, quando as águas podem chegar até 1,5 m de altura em relação ao nível do restante do ano. A região do Poconé é formada pelas bacias dos rios Cuiabá, Bento Gomes e Paraguaizinho, tendo como principais características geomorfológicas as planícies de inundação, as vazantes e os corixos, sendo estes os principais receptores das águas que drenam pelo rio Cuiabá durante os períodos de cheia, responsáveis pelo alagamento da planície aluvial compreendida entre os rios Cuiabá e o Paraguai.

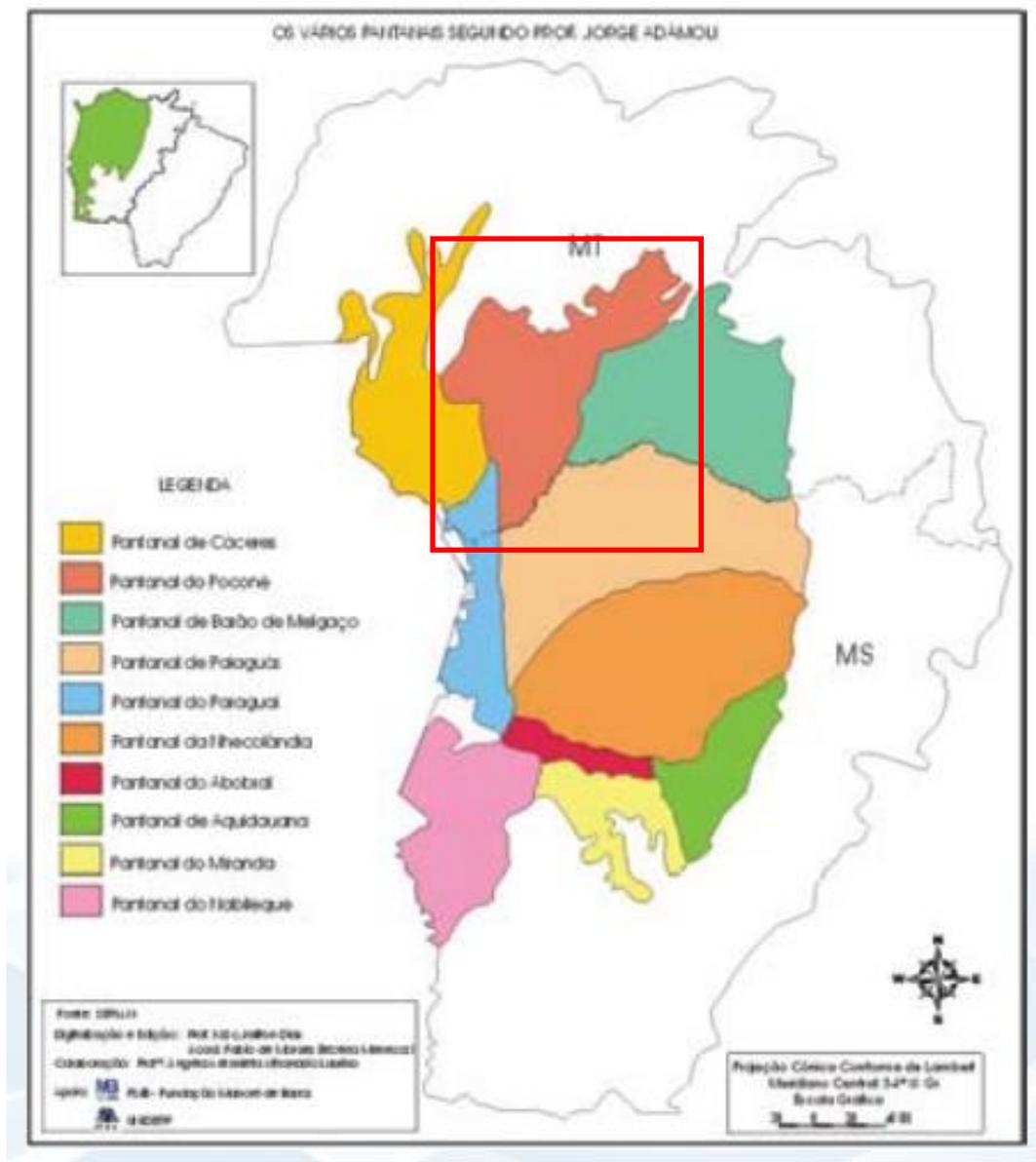
O relevo é, de uma forma geral, plano, sendo os solos predominantes os Latossolos Vermelho-Escuro, os Latossolos Vermelho-Amarelo, os Plintossolos, os solos Hidromórficos, os solos Glei Pouco Húmico e os solos Litólicos. São solos com textura variando de média a argilosa, pobres em nutrientes, ácidos e com grandes quantidades de alumínio; em termos de aptidão agrícola, são solos pouco indicados para práticas agrícolas convencionais, ainda que consigam sustentar pastagens nativas e com espécies forrageiras exóticas, base da atividade econômica mais tradicional da região, a pecuária extensiva. Destacam-se nas amplas áreas planas as cordilheiras e o murundus, já descritos quanto à formação e origem nos textos que trataram das regiões de Barão de Melgaço e Paiaguás.

Os principais tipos de vegetação dessa região podem ser agrupadas em formações savânicas, notadamente a savana florestada, conhecida popularmente como Cerradão, a savana arborizada, também denominada como Cerrado senso estrito, a Savana gramíneo-lenhosa, que representa os campos úmidos, a Savana-parque, representada pelos campos de murundus, e a Floresta Estacional Semidecidual, representada pelas florestas ciliares. As formações pioneiras com influência fluvial estão representadas pelos diversos tipos de vegetação aquática, que variam desde fisionomias herbáceas formadas por macrófitas flutuantes e emergentes, como o Caetê (*Thalia geniculata* - Marantaceae) e o Piri (*Cyperus giganteus* – Cyperaceae), até formações florestais, como os Cambarazais, dominados pelo Cambará (*Vochysia divergens* – Vochysiaceae), e os Landizais, dominados pelo Landi ou Guanandi (*Calophyllum brasiliense* – Calophyllaceae). Em morros isolados em meio às áreas planas e inundáveis podem ocorrer manchas de Floresta Estacional Decidual, conhecidas na região com Matas Secas.

O município de Poconé, que dá nome à região, é considerado o portão de entrada do pantanal de Poconé, pois é nele que inicia a rodovia Transpantaneira, ligando as cidades de Poconé à localidade de Porto Jofre. Essa rodovia é uma estrada com grande potencial cênico, ao longo da qual muitas pesquisas e coletas de material biológico foram realizadas nas últimas décadas, por diversas instituições de pesquisa e universidades que atuam nessa região. Há um livro clássico escrito pelo pesquisador Charles Heckmann, publicado em 1998, que traz os resultados de um grande esforço de pesquisa realizado na região, entre os anos de 1991 e 1994, que inventariou diversos grupos de organismos, desde algas e animais microscópicos, até plantas e vertebrados. Além dos levantamentos, o autor descreveu as comunidades bióticas da região e suas principais interações, relacionando-as à dinâmica de inundação e às alterações ambientais decorrentes da atividade humana. Além das atividades de pesquisa, a Transpantaneira é muito utilizada para turismo de observação de vida silvestre, dada sua facilidade acesso e relativa proximidade da cidade de Cuiabá, de onde parte a maioria dos visitantes que procuram a região para realização dessa atividade.

Uma das principais ameaças à região de Poconé está relacionada aos garimpos de ouro, especificamente ao uso do Mercúrio no processo de obtenção do ouro. O mercúrio começou a ser usado nessa região há cerca de 200 anos; nos garimpos a céu aberto, esse elemento químico é usado na sua forma metálica para separar o ouro do sedimento. Porém, os produtos formados pela ligação desses metais, ouro e mercúrio, podem atingir os ecossistemas naturais pela percolação da água através dos montes de resíduos de minério

contaminados, pelo escape de água dos reservatórios usados no processamento do minério, ou pela volatilização do mercúrio a partir da queima das ligas para separação dos metais, que constitui a principal fonte de mercúrio para a atmosfera. O uso descontrolado de mercúrio pode afetar as cadeias alimentares por meio dos processos de bioacumulação e bioamplificação, pois os poluentes acumulados nos tecidos do organismo são, por definição, biologicamente disponíveis. A mera determinação do teor de mercúrio, na água e nos sedimentos, não é suficiente para avaliar os riscos relativos às comunidades aquáticas e à vida humana.



Localização do Pantanal de Poconé, no Mato Grosso.

Fonte: Signor et al. (2010), disponível em <http://cppantanal.org.br/wp-content/uploads/2015/06/4.pdf>

## Fontes consultadas

Callil, C. T., & Junk, W. J. (2001). Aquatic Gastropods as Mercury Indicators in the Pantanal of Poconé Region (Mato Grosso, Brasil). *Water, Air, and Soil Pollution*, 125, 319-330. Disponível em [https://idp.springer.com/authorize/casa?redirect\\_uri=https://link.springer.com/content/pdf/10.1023/A:1005230716898.pdf&casa\\_token=crvfApXOlegAAAAA:h1rz0YleiZ1GOIK8h2HQita0lw3um9RMemWU09D\\_DqhpvSedkDl0eRfO65T1dXidt3kSTH7NIYEc\\_H9N2A](https://idp.springer.com/authorize/casa?redirect_uri=https://link.springer.com/content/pdf/10.1023/A:1005230716898.pdf&casa_token=crvfApXOlegAAAAA:h1rz0YleiZ1GOIK8h2HQita0lw3um9RMemWU09D_DqhpvSedkDl0eRfO65T1dXidt3kSTH7NIYEc_H9N2A)

Heckman, C. W. (2013). *The Pantanal of Poconé: Biota and ecology in the northern section of the world's largest pristine wetland* (Vol. 77). Springer Science & Business Media. Disponível em <https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-017-3423-3#about-this-book>

Nascimento, M. T., & Cunha, C. N. D. (1989). Estrutura e composição florística de um cambarazal no Pantanal de Poconé-MT. *Acta Botanica Brasilica*, 3, 03-23. Disponível em <https://www.scielo.br/j/abb/a/JMFRcCH86qDd4qpSnTrGnZG/?format=pdf&lang=pt>

Nogueira, F., Silva, E. C. E., & Junk, W. (1997). Mercury from gold minings in the Pantanal of Pocone (Mato Grosso, Brazil). *International Journal of Environmental Health Research*, 7(3), 181-192. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09603129773823>

Signor, C. A., Fernandes, I. M., & PENHA, J. (2010). O Pantanal e o Sistema de Pesquisa. Biodiversidade no Pantanal de Poconé. Manaus: Instituto de Pesquisas Ecológicas, 195. Disponível em <http://cppantanal.org.br/wp-content/uploads/2015/06/4.pdf>

Silva, M. P. D., Mauro, R., Mourao, G., & Coutinho, M. (2000). Distribuição e quantificação de classes de vegetação do Pantanal através de levantamento aéreo. *Brazilian Journal of Botany*, 23, 143-152. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbb/a/Nbq56PG4GXHzX5DGjzQvwKj/?format=pdf&lang=pt>